

**Enfermidades da população escrava em Minas Gerais na obra *Erário mineral* (1735) de Luís Gomes Ferreira.**

Alisson Eugênio: Prof.  
Adjunto de História  
Moderna na Universidade  
Federal de Alfenas

“Só Deus é verdadeira  
testemunha do meu zelo  
para com o próximo.” Luís  
Gomes Ferreira (*Erário  
mineral*:1735, p. 297)

### Demografia

Resumo: nos doze tratados de medicina prática que compõem o livro do cirurgião Luís Gomes Ferreira, *Erário mineral*, há enorme quantidade de relatos de tratamento de escravos. Esses relatos serão utilizados como indicadores das condições de saúde desses indivíduos, no tempo em que seu autor atuou em Minas Gerais, com o objetivo de analisar os tipos de problemas mais comuns enfrentados pela população escrava dessa região

Palavras-chave: escravidão, doenças e população escrava.

### Abstract

in the twelve treated to practical medicine that they compose the book of the surgeon Luis Gomes Ferreira, mineral State treasury, has enormous amount of stories of treatment of slaves. These stories will be used as indicating of the conditions of health of these individuals, in the time where its author acted in Minas Gerais, with the objective to analyze the types of more common problems faced by the slave population of this region.

Word-key: slavery, illnesses and slave population.

Corria o ano de 1707 quando Luís Gomes Ferreira, um cirurgião português recém-formado em cirurgia no Hospital Real de Todos os Santos, chegou pela primeira vez ao Brasil. Desembarcou em Salvador, onde ficou por quase um ano, e voltou à Metrópole para, novamente, retornar à Bahia ainda em 1708. Até então, servia como oficial da arte cirúrgica e medicina prática nos navios lusitanos, que singravam os oceanos entre os diversos pontos do Império português. A presença desses agentes da cura nas embarcações era fundamental para se evitar a propagação de doenças na tripulação, já que os tripulantes entravam em contato com populações muito variadas,

expondo-se por essa razão com muita frequência ao contágio de enfermidades que, na maioria das vezes, não se sabia como prevenir. Naquele mesmo ano, tal cirurgião voltou à capital da Colônia, onde residiu por três anos, quando, atraído pelas descobertas de metais preciosos no interior do país, visitou Minas Gerais algumas vezes, até estabelecer-se em Sabará e, posteriormente, aventurar-se por diversos cantos daquele tão sonhado eldorado. Entre idas e vindas no território mineiro, atuou também em Vila do Carno e Vila Rica. Ao todo permaneceu nessa região aproximadamente vinte e dois anos, pois em 1733 cruzou o Atlântico de volta ao Reino, onde publicou dois anos depois *Erário mineral*; uma coletânea de doze tratados de cirurgia e medicina prática, destinada a divulgar receitas para enfrentar inúmeras doenças comuns em Minas Gerais, que ele afirma ter publicado para remediar a falta de médicos na Colônia, uma vez que ela poderia servir de guia para os habitantes carentes de assistência médica.<sup>1</sup>

Realmente, os colonos, sobretudo os que viviam no vasto interior das Américas, não podiam contar muito com profissionais de saúde (isto é, indivíduos portadores de diploma em medicina ou cirurgia) para sanarem os malefícios dos seus corpos. Pois, eram poucos os médicos e mesmo cirurgiões que se interessavam ir trabalhar nas fímbrias do Império, devido aos riscos, inclusive de vida, que a aventura de cruzar o oceano e imensos territórios implicava, bem como o problema do desenraizamento e das incertezas que a vida colonial ensejava.

Como quase todo português, Luís Gomes Ferreira também tentou fazer fortuna com a mineração, mas, sem abandonar o seu ofício que, ao que parece, fez sua riqueza. Foram milhares de pacientes por ele atendidos. Gente de todas as cores, condição social e qualidade, a qual atendeu com base no seu aprendizado em Lisboa, nos navios, no além-mar, nos contatos com sertanistas, com profissionais da saúde, nos autores das obras medicas e cirúrgicas mais em voga e, finalmente, no seu estudo empírico das propriedades terapêuticas, principalmente de plantas, animais e minerais. Os seus doze tratados são uma síntese disso. Eles expressam o saber médico predominante na época, ainda orquestrado pela batuta de Hipócrates e Galeno, a influência da religiosidade no exercício das artes de curar, o sofrimento causado por tantas doenças e por acidentes, as esperanças dos doentes, as alegrias dos curados, bem como os ritmos da vida cotidiana que pulsam freneticamente em suas páginas, revelando tragédias do dia-a-dia e as solidariedades de uma configuração social que ainda se organizava.

Por tudo isso a professora Júnia Ferreira Furtado tem razão de chamar o *Erário mineral* de “caleidoscópio de imagens”, pois ele nos oferece várias janelas para observar a sociedade colonial da primeira metade do século XVIII, particularmente a mineira, e a cultura barroca na qual ela se forjou. De uma delas, a seguir, será observado o cortejo de horrores das condições de saúde da população escrava, sobretudo a empregada nas árduas tarefas do extrativismo mineral.<sup>2</sup>

Em Minas Gerais o escravo foi utilizado, mais do que em outras regiões, em inúmeras frentes de trabalho, devido à natureza híbrida da sua configuração social (quer

---

1 Essas informações foram obtidas do texto de Furtado, Júnia Ferreira “Arte e segredo: o licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens. In: Furtado, Júnia Ferreira (org). *O Erário mineral*. 2º ed. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, 2002. Trata-se de uma edição crítica, em dois volumes, contendo artigos de diversos autores, seguidos pelos doze tratados de Luís Gomes Ferreira e por um dicionário de termos técnicos das artes de curar praticadas na época .

2 *Ibidem*, p. 3.

dizer, formações urbanas, tangenciadas pela vida rural) e das características da sua economia, que, no tempo de Luís Gomes Ferreira, estava carrilhada na mineração. Pode-se dizer, tal como observou Antonil em seu tricentenário livro (1711-2011) *Cultura e opulência no Brasil ...*, que aqui os escravos eram mais que nunca “as mãos e pés do senhor, porque” completa o autor “sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente”,<sup>3</sup> e muito menos explorar as jazidas de ouro, diamantes e outras pedras preciosas que brotavam das entranhas da nova fronteira colonial que então se expandia, onde a dependência da escravidão revelou-se crônica desde cedo. Tanto que entre o início da década de 1720 e meados da década de 1730 foram arrastados para o interior do país mais de 50 mil africanos, segundo Hebert Klein,<sup>4</sup> de forma que somente em Vila Rica, por exemplo, o contingente de cativos saltou de 6721 em 1716 para 20863 em 1735, conforme levantamento de Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa,<sup>5</sup> ou seja, aproximadamente 20% da escravaria da Capitania de um total de 100141 indivíduos.<sup>6</sup>

Esses indicadores demográficos revelam uma economia em entrópica ebulição, impulsionada principalmente pelo extrativismo aurífero. E isso num espaço há pouco tempo situado à margem da sociedade colonial. Para se ter uma idéia do rápido crescimento econômico mineiro, quando Luís Gomes Ferreira se estabeleceu aqui, em 1711, a Coroa tinha arrecadado em impostos diretos cobrados em ouro da extração desse metal (20% do total da sua extração alcançado pelo fisco) 48,9 Kg e em 1733, quando ele retornou a Portugal, a arrecadação subiu para 1766,1 Kg, de acordo com a tabela divulgada por Laura de Mello e Souza.<sup>7</sup>

Essa expansão vertiginosa da produção aurífera fez convergir para as povoações, de cujo solo tanta fortuna se partejava, milhares de pessoas em busca de uma fatia da opulência, que inebriava as almas e condicionava as mentes para se entregarem à aventura de cortar os sertões, enfrentando mil privações; a mais drástica delas a fome assaz frequente nos primeiros anos da colonização mineira, como mostrou Mafalda Zemella,<sup>8</sup> a violência de um espaço social ainda embrutecido, as incertezas da vida, a espreita da morte e, o principal arauto dessa, as enfermidades.

Foi nesse novo mundo, repleto de desafios, de tensões e de expectativas, que Luís Gomes Ferreira exerceu a sua arte, trazendo esperança para um povo que se viu ameaçado por tantos problemas de saúde à sua volta e proporcionando alegria para os que conseguiram encontrar alívio para as dores do corpo nas suas receitas e tratamentos e, assim, continuar a luta cotidiana contra as misérias da existência, tão desesperadora para uma população, cuja maior parte mal tinha como viver.

Do universo dos seus desvalidos destaca-se o escravo. Gente em geral desafortunada, devido à sua condição na sociedade colonial, que lhe impunha os fardos da produção de forma predatória, pois sua jornada de trabalho era longa, árdua e muitas

---

3 ANTONIL, André João. *Cultura e opulência no Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p. 89

4 KLEIN, Hebert. *O tráfico de africanos no Atlântico*. Ribeirão Preto, FUNPEC, 2004, P. 34.

5 LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero da. *Minas colonial: economia e sociedade*. São Paulo, FIFE/Pioneira, 1982, p 22.

6 Esse último dado foi extraído de ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento da Capitania de Minas Gerais*. São Paulo, Hucitec, 1990, p. 108.

7 SOUZA, Laura de Mello e. *Os desclassificados do ouro*. Rio de Janeiro, Graal, 1982, pp. 43-44.

8 ZEMELLA, Mafalda. *O abastecimento ...* pp 198-207.

vezes perigosa, a sua moradia era precária, desconfortável e insalubre e sua vestimenta insuficiente, inadequada e imunda.<sup>9</sup> Por essa razão, a sua vida era geralmente breve, como relatou o delegado da Coroa, Martinho Mendonça, em balanço feito da situação de Minas em 1734: “Os senhores não esperavam conseguir em média mais que 12 anos de trabalho dos escravos comprados ainda jovem”.<sup>10</sup>

Assim, dificilmente a população desses indivíduos poderia crescer naturalmente, pois os índices de mortalidade deles eram muito altos, configurando uma tragédia demográfica que somente o tráfico transatlântico de africanos podia remediar. Para se ter uma idéia dessa catástrofe populacional, Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa estimam em 50 a 66 mortes de cativos por mil habitantes em Vila Rica nos fins do século XVIII, ou seja, mais que o dobro da taxa bruta cuja cifra monta a 23,4 por mil habitantes;<sup>11</sup> dados que se aproximam dos encontrados por Pedro Carvalho de Mello para a década de 1810 para toda a Capitania.<sup>12</sup>

Uma das razões disso é que era mais barato repor os escravos pelo comércio negreiro, porque seu abastecimento se dava quase ininterruptamente e com preços consideravelmente acessíveis,<sup>13</sup> o que motivava os senhores a extrair o máximo de produção dos negros com o menor custo possível (quer dizer, com redução ao mínimo necessário do gasto com a sua manutenção), degradando dessa maneira as suas condições de saúde.

Era essa lógica que fundamentava predominantemente a administração do trabalho escravo, lógica essa que atenuava o custo colonial (quer dizer, o conjunto dos gastos de capital diretos e indiretos com as atividades econômicas das colônias) para os “empreendedores” do ale-mar, a qual foi admitida por um proprietário rural fluminense, às vésperas do fim de fato da importação de africanos, que, ao ser entrevistado por um médico, respondeu o seguinte, após ser indagado “por qual motivo a estatística mortuária abundava entre seus escravos,”

“pelo contrário, não lhe vinha prejuízo algum, pois quando comprava um escravo, era só com o intuito de desfrutá-lo durante um ano, tempo além do qual poucos poderiam sobreviver; mas que não obstante, fazia-os trabalhar por tal modo, que chegava não só a recuperar o capital neles empregado, porém ainda a tirar lucro considerável”.<sup>14</sup>

---

9 A forma predatória da exploração do trabalho escravo e suas condições miseráveis de existência são descritas foram descritas pelos médicos e cirurgiões nos seus manuais de medicina prática, como no de Jean Barthelemy Dazille. *Observações sobre enfermidades dos negros*. Lisboa, Arco do cego, 1801.

10 Apud LUNA, Francisco Vidal e COSTA, Iraci del Nero da. *Minas colonial...*, p. 23

11 *Idem*.

12 MELLO, Pedro Carvalho de. Estimativa da longevidade de escravos no Brasil na segunda metade do século XIX. In: *Estudos Econômicos*, v. 13, n. 1, 1983, p. 153.

13 A constatação de que os africanos até 1850 eram mercadorias relativamente baratas foi feita por JÚNIOR Caio Prado. *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1995, p. 159 e confirmada por CONRAD, Edgar. *Tumbeiros*. Brasiliense, 1985, p. 15-16 e Florentino, Manolo. *Em costas negras*. São Paulo, Cia das Letras, 1997, p. 76.

14 Jardim, David Gomes. *Algumas considerações sobre a higiene dos escravos*. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1847, p.12.

Essa realidade, que ainda marcava a cultura do trato senhorial com a mão-de-obra cativa na última década da importação de negros, imperava no do auge do extrativismo mineral em Minas Gerais na época da Colônia, uma vez que a “exumação” cada vez maior de metais preciosos das suas entranhas determinava a voracidade com a qual trabalho escravo era explorado, fazendo com que, conforme observou um cirurgião já nos tempos da redução dessa atividade econômica, a vida deles fosse muito pesada, adiantando-lhes a morte e levando assim “à sepultura o melhor dos cabedais daquela e de outras Colônias da América Portuguesa,” ao enterrarem “com eles o mesmo ouro que os seus braços haviam desenterrado, e secando assim na sua origem um dos primeiros mananciais da Coroa e do Estado.”<sup>15</sup>

Exemplo disso é o fato de que os cuidados necessários aos escravos doentes demandavam despesas extras, que muitas vezes os seus proprietários não estavam dispostos a fazer, sobretudo porque em muitos casos somente se convenciam da enfermidade do negro quando ela era inegavelmente evidente ou ele já estava à beira da morte. A esse respeito, Luís Gomes Ferreira apresenta um testemunho bastante esclarecedor, quando diz “que se doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa sustância, que nisso pecam muito os senhores de escravos que hão de dar conta a Deus” (EM, p.258).<sup>16</sup>

Esse testemunho fornece uma chave de acesso ao imaginário do autor em relação a uma das faces da sua compreensão da dominação senhorial exercida sobre os escravos, ao valer-se da sensibilidade religiosa, tão cara a uma sociedade eminentemente barroca na sua forma de expressar a religião, para chamar a atenção dos proprietários que desamparavam seus negros quando estes estavam gravemente afetados por moléstias. Ao confrontar tal atitude senhorial com o julgamento de Deus, aquele autor está fundamentado no projeto cristão de exploração do trabalho cativo organizado por alguns jesuítas décadas antes dele ter publicado seu manual médico. Tais letrados, em textos como *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos*, escrito por Jorge Benci, obra publicada em 1705, por um lado, justificavam a escravidão, por outro, defendiam uma forma de administração do trabalho escravo em que as tensões inerentes às relações sociais de produção escravistas pudessem ser atenuadas. Para tanto, os senhores tinham a obrigação social e o compromisso moral, religioso, como um pai aos moldes da cultura patriarcal, de cuidar dos seus negros, em troca da sua escravidão, a qual, em tese, produziria menor impacto nas contradições sociais, o que era essencial, segundo os “soldados de cristo” articuladores desse argumento, para o projeto missionário da Cia de Jesus, uma vez que, sendo bem tratados, os escravos poderiam se acomodar mais facilmente ao cativo do corpo e, com efeito, libertarem sua alma.<sup>17</sup>

---

15 Palavras de Antônio José Vieira de Carvalho, cirurgião-mor das tropas de que guarneciam a capital da Capitania de Minas Gerais, no prefácio da obra por ele traduzida de Jean Barthelemy Dazille. *Observações sobre enfermidades dos negros*. Lisboa, Arco do cego, 1801. Obs: o prefácio encontra-se se paginação.

16 Doravante, todas as passagens retiradas do *Erário mineral* serão identificadas ao final delas com a sigla EM acrescida da página da qual foi retirada.

17 A ideologia escravista dos letrados coloniais foi estuda por Vainfas, Ronaldo. *Ideologia e escravidão: os letrados e a sociedade escravista colonial*. Petrópolis, Vozes, 1986 e a administração do trabalho escravo sustentada nessa ideologia foi estudada por Marquese, Rafael de Bivar. *Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas*. São Paulo, Cia das Letras, 2004

Quando Luís Gomes Ferreira reclama, na passagem acima citada, cuidados necessários para os cativos doentes, lembrando os seus proprietários que um dia teriam que prestar contas a Deus de suas atitudes, ele reafirma, em outros termos, a ideologia jesuítica da escravidão, que em síntese está assentada no assistencialismo caritativo senhorial em relação aos escravos, como base para ação evangelizadora que deu sentido religioso à colonização do Novo Mundo e como forma preventiva de amortecimento da potencial rebeldia negra contra a sua condição na sociedade colonial. Vejamos mais uma passagem do seu manual de medicina prática como tal reafirmação está expressa:

“E advirto que, se o doente for preto, se lhe dê boa cobertura, casa bem recolhida e o comer de boa substância, que nisto pecam muito os senhores de escravos que hão de dar conta a Deus, e que, por nenhum modo, tendo catarrões, bebam água fria, porque encruarão mais, antes, quanto mais quente a beberem melhor será, e que não façam desmanchos de mulher, ou cachaça, de que são muito afeiçoados. Outrossim, advirto que os senhores vão ver os seus escravos quando estiverem doentes e lhes façam boa assistência, porque nisto lhe darão muita confiança e consolação, metendo-lhes ânimo e esforço para resistirem melhor à doença; e se assim o não fizerem, como há muitos que tal não fazem, encham-se os tais de confusão, vendo que não têm outro pai, e se deixam ir passando sem comer, ainda que lho mandem, até que ultimamente morrem, o que digo pelo ter visto assim suceder; e assim, por conveniência, como por obrigação, devem tratá-los bem em saúde e melhor nas doenças, não lhes faltando com o necessário, que desta sorte farão o que devem, serão bem servidos, terão menos doenças, mais conveniência, experimentarão menos perdas e terão menos contas que dar no dia delas.” (EM, p. 258)

Diante dessas palavras, pode-se dizer que o autor do manual de medicina prática em foco tenta mostrar para os senhores que, além de um serviço a Deus, de cuidar do seu semelhante, baseado no princípio da caridade, o que poderia lhes ajudar a abreviar a sua passagem pelo purgatório, uma assistência melhor aos escravos aumentaria a possibilidade destes se empenharem com maior destreza e boa vontade em suas tarefas cotidianas, e até mesmo se conformarem com a escravidão. Em outros termos, a sua advertência aos senhores para apararem os seus escravos, em primeiro lugar na saúde (pois evitariam enfermidades e, com efeito, mortes precoces), revelando-se cioso da necessidade de práticas preventivas, em segundo lugar na doença, norteia uma face importante da sua percepção patriarcal da relação entre senhor e escravo assentada no discurso ideológico jesuíta da dominação senhorial. Com base nessa hipótese, a seguir serão interpretados os relatos do *Erário mineral* sobre os problemas de saúde da população escrava mineira nas primeiras décadas do século XVIII.

Conforme o autor desse tratado médico argumenta, “as enfermidades que mais comumente sucedem nestas Minas, principalmente aos pretos, são pontadas, enchimento do estômago, lombrigas e obstruções” (EM, p239). Após essa identificação, segue explicando cada uma dessas moléstias em um longo trecho que vale a pena citar integralmente por ser bastante esclarecedor da concepção predominante de causalidade de doenças na época e, sobretudo, por revelar aspectos que ajudam a compreender alguns traços da vida cotidiana dos escravos:

“As pontadas lhes procedem, umas vezes, por causa de grande enchimento de humores frios em todo o corpo, que é o mais comum; outras vezes, por causa de resfriamentos e constipação dos poros fechados; outras, por causa da circulação do sangue e mais líquidos se retardarem e andar mais vagarosa do que convém, ou estar quase parada; outras vezes, por causa de alguma obstrução, ou também por causa de grandes frios que hajam neste tempo; e muito poucas vezes sucederá haver pontada por causa de abundância de sangue. Os enchimentos lhes procedem por causa de comerem tarde, fora de horas, que comumente é depois de meia-noite e depois de dormirem, malcozido e de diversas qualidades, e também por ser em muita quantidade, que tudo isso conduz a haver muitos enchimentos no estômago e no corpo. As obstruções também lhes procedem das mesmas causas, porque, aonde há maus cozimentos no dito estômago, há muitas cruezas nele, e dele passam a fazer as obstruções e enchimento de humores no corpo e outras muitas doenças, e também por causa de serem muitos dos seus mantimentos frios, flatulentos, malcozidos, por cuja razão indigestos. As lombrigas se produzem dos humores corruptos que procedem dos maus cozimentos, e deles, corruptos, se gera grande cópia delas.” (EM, p. 239-40).

Esses quatro malefícios podem ser classificados da seguinte maneira: pulmonares (pontadas pleurísticas),<sup>18</sup> gástricas (enchimentos), parasitoses (lombrigas) e hepáticas (obstruções). Além dessas, devem ser acrescentadas mais três dos diversos tipos de enfermidades abordados naquele manual, a saber: fraturas e feridas, doenças sexualmente transmissíveis e o alcoolismo.

Tratam-se dos problemas de saúde mais citados em relação aos escravos no *Erário mineral*; problemas esses que permitem compreender uma das realidades mais dantescas da escravidão, qual seja, os altos índices de mortalidade da população cativa, precipitados em grande medida pela oferta elástica, quase ininterrupta e a preços razoáveis do comércio de africanos, bem como pela mentalidade senhorial determinada por essa comodidade (que no fundo quer dizer o seguinte: enquanto vigorou o tráfico, era mais barato importar novos negros, nas regiões fartamente abastecidas por ele, do que criá-los em cativeiro).

Daqueles problemas, comecemos pelas pontadas pleurísticas.

“Esta enfermidade é o flagelo que mais tem destroçado os mineiros destas Minas e é a que mais cuidado tem dado aos professores da Medicina e Cirurgia, enganando-se e tropeçando a cada passo, por dever ser o seu modo curativo, neste clima, alheio totalmente do que os autores apontam, por cuja razão morrem escravos sem número (EM, p, 229).

---

18 O autor se refere a vários tipos de pontadas, das quais privilegiarei as ocorridas no pulmão; órgão dos mais afetados nos escravos mineiros por razões climáticas, deficiência de agasalho e carência de vitaminas preventivas de doenças pulmonares.

Para fins de comparação, diversos “viajantes” que visitaram Minas Gerais no século XIX também apontaram as doenças pulmonares como uma das mais mortíferas nessa região, particularmente entre os negros.<sup>19</sup> A razão disso, explica aquele autor:

“Não só o clima é diferente, mas a causa das enfermidades e os humores que as produzem, por razão dos mantimentos e habitação em que assistem e se exercitam, assim os pretos como os brancos: os pretos, porque uns habitam dentro da água, como são os mineiros que mineram nas partes baixas da terra e veios dela, outros feitos toupeiras, minerando por baixo da terra, uns em altura, de fundo, cinqüenta , oitenta e mais de cem palmos, outros pelo comprimento em estradas subterrâneas muitos mais, que muitas vezes chegam a seiscentos e a setecentos; lá trabalham, lá comem e lá dormem muitas vezes, e como estes, quando trabalham, andam banhados em suor, com os pés sempre em terra fria, pedras e água, e, quando descansam ou comem, se lhes constipam os poros e se resfriam de tal modo que daí se lhes originam várias enfermidades perigosas, como são pleurises apertadísimos, estupores, paralisias, convulsões, peripneumonias e outras muitas doenças”. (EM, p, 229-30).

Pelo exposto percebe-se que não é somente o clima o vetor principal dessas complicações pulmonares. Ele apenas agrava uma situação relacionada com as atividades econômicas concentradoras de grande parte dos cativos mineiros no auge da mineração (atividades que os obrigavam a terem contato com poeira, nas galerias das minas, e com água fria, nos rios) e com as condições de vida impostas a eles, tornando-os mais predispostos às pontadas pleurísticas.

Por isso, “vendo que esta doença era muito comum e que morriam tantos escravos e se perdia tanto ouro em poucos dias”, nosso personagem empenhou-se em descobrir remédio para saná-la (EM, p. 241). Seu empenho culminou na invenção de algumas receitas. Uma delas é um emplasto feito com erva de santa Maria (tabaco), mentrastos (espécie de hortelã silvestre), ambos mucilados, metidos em saquinhos de panos de linho e, enquanto cozidos em fogo brando, borrifados com aguardente, para ser aplicado no peito (EM, p. 242-3).

Certa vez, em 1714, na Vila Real de Sabará, Luís Gomes Ferreira relata a utilização dessa receita. Ele conta que o ouvidor-geral local, Luis Botelho de Queirós, o chamou para ver um escravo seu, ao qual o examinou e viu que tinha “uma pontada da parte esquerda, tão apertada que lhe fazia impedimento na respiração, com febre, mas não grande, porque tinha os pulsos muito delgados e submersos”. Vendo-o com esses sintomas, mandou o seu paciente tomar banho, descansar e aplicar o “emplasto de erva de santa Maria”. Mas, o efeito desse remédio não salvou o doente, pois no dia seguinte, amanheceu morto, uma vez que a causa de sua pontada revelou, após exame anatômico, ser de outra natureza (EM, p. 267-8).

Apesar de todos os seus esforços, muitas vezes os escravos enfermos acabavam morrendo, ou porque os seus senhores demoravam para chamar um oficial de cura, ou porque o diagnóstico estava errado, ou até mesmo porque o organismo deles poderia

---

19 Esse assunto foi abordado por Leite, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem*. Belo Horizonte, Ed.UFMG, 1996, pp. 168-70.



não responder satisfatoriamente ao tratamento. Por isso, era premente a necessidade de ter outras opções de remédio para as mesmas moléstias. Assim, no caso das pulmonares, no *Erário mineral* há outras receitas usadas com sucesso, como a abaixo descrita:

“No ano de 1724, indo eu ouvir missa à capela do dito João Fernandes de Oliveira que tinha na sua fazenda, em Itacolomi, chamada a Vargem, me mostrou um seu escravo e me disse que, havia perto de um ano, padecia uma tosse tão grande que o fazia rebentar, principalmente de noite, porque nem dormia, nem deixava dormir a pessoa alguma, que se tinha curado na Vila do Carmo de uma pontada e bem assistido e que lhe tinha ficado aquela tosse; depois de bastante tempo de cura sem proveito, o mandara para a Vila de Ouro Preto e que nela se estivera curando com um médico e um cirurgião, e que, ao depois de largo tempo e larga despesa, enfadados com a tosse, o deixaram e lhe disseram o mandasse para a dita fazenda, que, talvez, com outros ares por ficar distante e outras águas, se achasse melhor. Depois de me propor as referidas razões, me pediu que visse se saberia algum remédio para aquela tosse, porque era bom escravo e desejava curá-lo, ainda que a despesa que tinha feito lhe importaria pouco menos do seu valor. Apalpei-o em jejum para ver se tinha alguma obstrução (...). Vendo, pois, o enfermo, lhe não achei obstrução alguma, pelo que me persuadi a que os humores que causavam tal tosse estavam embebidos no bofe e eram mais de natureza frios do que quentes, pelo enfermo ter mais queixas à noite que de dia, e fundado nessa conjectura e ter experiência do remédio seguinte, lho receitei nessa forma: açafão duas oitavas, sal de tártaro um escrúpulo, água essencial de raiz de bardana uma libra; extraíam a tintura e, na coadura, se dissolva espermacete três oitavas, xarope de mucilagens de sementes de linho três onças, e misture-se [e divida em três partes]. O dito enfermo tomou esse remédio uma só vez por dia em jejum e logo com o primeiro começou a ter melhora, e as dias porções tomou nos dias seguintes, com que ficou muito aliviado.” (EM, p, 275-76).

No rol das enfermidades dessa ordem, destacam-se naquele manual de medicina prática o que o seu autor chama de pleurises e peripneumonias, pois, são de “grande perigo” e, no caso de Minas, de grande incidência devido ao seu clima e às ocupações nas atividades produtivas predominantes em suas vilas mineradoras. Elas atacavam principalmente os “pretos, com muito maior razão, porque habitam sempre, ou quase sempre, dentro da água e depois que entram a trabalhar, andam expostos ao rigor da chuva, do frio e do sol” e, como se isso já não fosse o bastante, têm “ruins coberturas, ruins camas e ruins tratamentos, como todos sabem” (EM, p. 278-279). Para esses malefícios Luís Gomes Ferreira prescreve o seguinte remédio: cevada cozida, em cuja água resultante do cozimento se acrescenta cascas de raiz de bardana piladas e um punhado de flores de papoulas, tudo novamente fervido em um quarto de hora e depois adicionado de esterco fresco de cavalo. Duas horas após essa adição, a solução devia ser coada e mistura de pó de coral.

Pode-se perceber que dos doze tratados inseridos no manual de medicina prática em tela, o primeiro deles, dedicado às pontadas, é um dos maiores, e que das pontadas mais graves, a pleurística ocupou lugar destacado porque, além de ser uma das mais mortíferas, também não se tinha remédio eficaz conhecido para combatê-la. Por esse motivo, o seu autor compôs várias fórmulas para tentar livrar dela os mineiros, particularmente os escravos, pois, como reitera, além do seu gênero de trabalho lhes

obrigar a estar em contato com água fria e poeira, ainda viviam “mal comidos, mal enroupados, molhados, suados, etc.” (EM, p. 290)

Conforme a ordem que ele apresenta das doenças mais comuns da população cativa mineira, segue o enchimento do estômago porque trata-se da “complicação que mais ordinariamente e mais vezes é causa de pontadas, principalmente nos pretos”. Sendo assim, explica como reconheceu os sinais desse incômodo: “Haverá amargores na boca, fastio ou pouca vontade de comer, e o comer mal saboroso, ou não doce, como dizem os pretos, vontade de vomitar, ou vômitos, e o estômago duro, ou cheio” (EM, p. 234)

Tais sintomas revelam que os enchimentos estomacais são mais que causa das pontadas. Constituem um problema de saúde à parte proveniente do tipo de alimentação e da forma como ela é preparada. De acordo com o ensaio de Eduardo Frieiro *Angu, feijão e couve*, o comer na Colônia era marcado pela frugalidade e rotina para a maior parte dos seus habitantes,<sup>20</sup> uma vez que a pobreza imperava naqueles tempos, mesmo em Minas onde a riqueza era ilusória como ele mesmo afirmou em outro ensaio,<sup>21</sup> Em relação aos escravos dessa capitania, sua dieta era basicamente composta de angu, feijão e toucinho.<sup>22</sup> Esse último ingrediente era usado para se extrair a gordura necessária para o preparo das refeições, o que se obtinha após derretê-lo em um tacho com um pouco de água levado ao fogo. Isso deixava a comida mais pesada, de difícil digestão, provocando muitas vezes anomalias gástricas, como as gastrites e refluxos.

Possivelmente, foi esse tipo de alimentação, preparada com gordura de porco extraída do toucinho, a maior responsável pelos malefícios dos estômagos dos mineiros, particularmente dos negros submetidos ao cativo. Um deles, de propriedade de Luís Gomes Ferreira, certa vez, queixou-se de incômodos no ventre que o impedia de trabalhar. Seu proprietário então o examinou, “carregando-lhe brandamente com os dedos na boca do estômago e seus arredores”, e percebeu que isso lhe doía muito. Diante desse dado perguntou-lhe se tinha amargores na boca, obtendo a afirmação do paciente, que também informou estar com pouca vontade de comer. “Nesses termos”, declara tal cirurgião: “Como já pelas experiências de os apalpar (...), entendi que a causa de todas as queixas não era outra senão o dito enchimento, como outras muitas vezes tenho observado”, o que se resolve tomando purgativos e vomitórios (EM, p. 272).

As parasitoses foram outra enfermidade abordada no *Erário mineral* como uma das quatro mais comuns nas Minas, sobretudo na população cativa. De todas elas a que nele é mencionada diversas vezes é a ascaridíase, a qual em suas é identificada pelo termo lombrigas. Estas, segundo o saber médico predominante na época, se produziam “dos humores corruptos que procedem dos maus cozimentos, e deles, corruptos, se gera grande cópia deles” (EM, p. 240).

Na verdade a causa é bem diferente. A infestação desse e da maioria dos vermes está ligada a problemas sanitários e assepsia. Os escravos de um modo geral, bem como a parte mais pobre da sociedade colonial, viviam em condições precárias. As casas não

<sup>20</sup> Frieiro, Eduardo. *Angu, feijão e couve*. 2ª Ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p.57.

<sup>21</sup> Frieiro, Eduardo. *O diabo na livraria do Cônego*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1981. Ver Vila rica, vila pobre, p. 123-6 e Pobreza das Minas Gerais, p. 153-6.

<sup>22</sup> Frieiro, Eduardo. *Angu, feijão e couve*. 2ª Ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p.57 e 120.

possuíam banheiro, nem água potável e, naquele tempo, ainda não existia sistema de esgotos eficaz na maior parte do mundo. (Junte-se a isso o fato de que o hábito de lavar as mãos antes de tocar nos alimentos, quando praticado, era por motivos antes de tudo religiosos (purificação) e não por motivos assépticos. Afinal, os patógenos ainda não eram conhecidos, o que somente aconteceu na geração de Luís Pauster.

Com efeito, Luís Gomes Ferreira informa que “nestas Minas há tanta abundância de lombrigas, assim em pretos como em brancos, de que muitos morrem sem ninguém saber do que”. Em outras palavras, tal verminose fazia muitos estragos em populações cujos costumes e limitações estruturais da vida material favoreciam a reprodução de parasitoses, que se alojam inicialmente nos intestinos, até proliferarem de maneira a entupir o seu hospedeiro, lançando-se não raramente por sua boca, matando-o por asfixia.

Diante desse quadro ele inventou diversos remédios, compostos por variadas ervas feitas em chá, ao qual se adiciona vinagre e fel de boi, para se tomar de jejum em repetidos dias até os sinais deixados pelos vermes no corpo desaparecerem. A esse respeito, ensina como identificar a manifestação deles, para combatê-los o quanto antes, evitando a sua proliferação no corpo e, conseqüentemente, os efeitos que isso provocava, tais como dores na região do umbigo, comichões, língua languincenta e pulsos delgados. Essas informações eram importantes para se intervir o mais rápido, antes que o hospedeiro fosse consumido pela parasitose. No caso dos senhores, eles poderiam conter a perda de muitos escravos se ficassem atentos a esses sinais e aplicassem corretamente uma das receitas publicadas no *Erário mineral* (EM, p. 235-6)

Em várias observações descritas em tal manual médico, o seu autor se espantava com a quantidade de vermes que seus paciente expeliam após se submeterem aos seus tratamentos. Em uma delas, ele relata o seguinte: “No ano de 1724, morando no Arraial do Padre Faria, distrito de Vila Rica do Ouro Preto, me chamou o alferes Francisco Gomes da Silva e seu irmão, o sargento-mor Antônio Gomes da Silva, para ver um escravo”, que desejavam cuidar “por ser ladino e dos melhores” do seu plantel. Vendo que ele estava com a respiração prejudicada, com pulsos delgados, pouca febre, entre outros sinais, pareceu-lhe que o negro estava com lombrigas. Então, receitou um de seus compostos para o doente, o qual, ao tomá-lo, “começou a lançar por baixo e pela boca algumas lombrigas” e, à medida que ia tomando ao longo de dias, ia lançando mais, “até que no fim de três dias lançou tantas”, que ficou livre delas, com grande alívio para o paciente e seus senhores (EM, p. 268-70).

É de se notar um dado relevante nessa e em outras observações de Luís Gomes Ferreira a respeito dos negros, cujos tratamentos ele relata. Em muitos casos, eles eram bem acolhidos nas graças de seus senhores. Ou porque eram ladinos, como o acima referido, ou porque serviam bem, como o escravo de João Gonçalves da Costa, que solicitou a presença de tal oficial de cura para lhe curar de uma pontada procedida de lombriga, pois “era bom e seu senhor fazia estimação dele” (EM, p. 220). Ao que parece, nos casos de enfermidades mais graves, geralmente os cativos de mais préstimo e os mais afetuosos eram os que seus proprietários tentavam salvar. Pois, se o tratamento poderia sair caro e sem garantia de sucesso, a solução de deixá-los entregues à sua própria sorte, para encontrarem respostas às suas doenças em suas próprias terapias (sempre que possível recriadas no cativeiro a partir de suas heranças africanas)

acabava sendo a saída para grande parte de seus senhores, sobretudo quando se tratava de um cativo cuja idade média de trabalho já havia satisfeito às suas expectativas.

O último dos quatro flagelos mais comuns dos mineiros abordados no *Erário mineral*, mormente dos que haviam sido arrastados para Colônia pelos grilhões da escravidão e os seus descendentes, é o que seu autor chama de obstruções. Trata-se de uma moléstia definida, de acordo com o saber médico predominante na época, como impedimentos da livre circulação nos vasos sangüíneos localizados no fígado, baço e mesentério, provocados por humores corrompidos principalmente por bebidas alcoólicas. Luís Gomes Ferreira explica que ela “se conhecerá estando o doente em jejum, e, deitado de costas com os pés encolhidos, lhe carregará brandamente com os dedos de ambas as mãos na parte direita, naquela região que medeia as costelas e o estômago”, de maneira que “achando-se naquela parte dureza e dor, não teremos dúvida de que o fígado está obstruído” (EM, p. 291-2).

Tendo ensinado como reconhecer esses sinais, adverte: “é muito freqüente essa enfermidade nessas Minas”, pois “a maior parte dela procede de os habitantes daquela Capitania beberem aguardente de cana continuamente e com excesso, os quais “poderão ter remédio, acudindo-lhes a tempo, antes que a obstrução do fígado o faça grande e passe à hidropsia, porque, ao depois, o seu remédio será a sepultura” (EM, p. 297).

Bebia-se muito desse destilado causador de tamanho malefício na Colônia, pois era como ainda é uma bebida barata e abundantemente ofertada. As agruras da vida (que em grande parte dos casos só encontravam alívio nos efeitos derivados da ingestão de tal bebida), os imperativos da cultura (era usada, por exemplo, como remédio contra vários achaques), e o clima frio das montanhas mineiras (razão pela qual era tomada como forma de esquentar o corpo) funcionavam como fatores de motivação para seu consumo desenfreado. Isso ajuda a explicar a quantidade expressiva de indivíduos afetados por males provenientes dos seus efeitos. Assim,

os escravos não podem ter número, porque como todos são os que a bebem, são infinitos os que morrem sem que seus senhores saibam a causa, sendo que não morrem por outra. Falo como testemunha de vista, e como tal advirto aos senhores deles que, quando algum lhe adoecer, examinem bem se será procedido de tal bebida, para que se lhe não faça a cura errada e morra sem sacramentos, que será o pior, sobretudo.” (EM, p, 298)

Mas não era para ser diferente. A vida que os negros submetidos à escravidão levava os estimulava, de um modo geral, a beber cachaça sempre que lhe sobrasse algum tempo. Na maior parte das vezes, era quase o único alívio para o seu cativo, para as dores da alma e até para as do corpo. Os que trabalhavam nos rios a minerar o dia inteiro, dificilmente suportavam a água fria, sobretudo no tempo do inverno, sem beber um pouco dela. Por esse motivo, o vício ia começando nas próprias tarefas a que eram obrigados a executar e, mesmo se o seu consumo fosse controlado nas horas de trabalho, a sociabilidade ensejada pelos centros urbanos, nos momentos de folga, facilitava o acesso deles a ela.

Por isso, era muito comum, sob os efeitos inebriantes do álcool, os escravos meterem-se em confusões, como testemunhado no *Erário mineral*: “Uns bebem tanto

que, perdendo o juízo, se matam em pendências”, que não raramente se resolviam quando estavam embriagados, pois estimulados pela bebida sentiam-se encorajados a empreitadas de acerto de contas que podia terminar de forma trágica. Por tudo isso, o seu afirma: “Segundo as minhas observações, e a experiência me têm mostrado em todo o tempo que tenho assistido nestas Minas, não há coisa alguma nelas que seja mais prejudicial à saúde, assim de pretos, como de brancos, como é a dita aguardente” (EM, p. 661).

A obstrução hepática causada pelo consumo excessivo de bebida alcoólica podia ser curada com vários remédios. Purgativos, vomitórios e o uso oral de um composto de folhas de carrapicho, cebolas, banha de porco, óleo de lírio, levado ao fogo brando e depois coado (EM, p. 286). No caso de ser o mesentério o local obstruído, a solução é feita com mistura de urina fresca de menino e mel de pau (EM, p. 307), conforme relatado no seguinte caso:

“Na Vila Real do Sabará curei um molecão de Manuel da Silva Gramacho, no ano de 1712, de uma obstrução no mesentério, não muito grande, mas fazia-o cansar constantemente, porque todo o corpo, ou seus canais, tinha bem obstrutos, o que se manifestava pelos olhos e língua, porque tudo tinha bastantemente branco, por cuja causa não servia bem a seu senhor, sendo que era bom escravo; e, pedindo-me o dito seu senhor que lhe aplicasse algum remédio de pobre, porque lhe era muito necessário para vender sua hortaliza, de que vivia, e que havia de andar na rua, lhe ordenei bebesse todos os dias da sua própria urina, por não haver outro na casa mais sadio, misturada com mel de pau, duas vezes cada dia, sempre morna, e bebesse água cozida com raiz de capeba e tomasse algumas ajudas purgativas; assim o executou, fazendo exercício, comento carne assada e farinha seca, com os quais remédios, pelo decurso de dois meses, pouco mais ou menos, veio sarar sem purga, nem mais coisa alguma, de que o dito seu senhor, por muitas vezes, me deu agradecimento de cura tão barata.” (EM, p. 312).

Além desses problemas de saúde, tido por Luís Gomes Ferreira como os mais graves e recorrentes da população mineira, particularmente a dos escravos, há tantos outros que a afetavam, tornando sua existência mais miserável do que sua condição de vida agrilhoadada pelo cativo permitia suportar já tão desesperadamente. De todos eles, um dos mais citados no seu manual médico são as fraturas provocadas principalmente no dia-a-dia do trabalho. A mineração, tal como praticada no século XVIII, era uma atividade muito perigosa. Para se retirar ouro dos depósitos aluvionais do fundo dos rios, estes precisavam ser represados e desviados, como ele testemunha (EM, p. 603).

“No ano de 1724, trazendo os meus escravos cortando a ponta de um morro, ou espigão de terra, para meter por aquela brecha um rio caudaloso e dele extrair ouro em uma volta que havia de ficar em seco, andando quatro em uma cortadura da dita ponta, mui apertada e funda, que fazia para meter um golpe do dito rio e ajudar ao tal serviço, sucedeu correr a terra de uma banda com muitas pedras que os imprimiu na outra parede que estava cortado a prumo e os sepultou, ficando tão cobertos de terra e pedras que tinham em cima de si mais altura de uma pessoa, a que logo acudiram os mais cavando a terra e os tiraram, parecendo impossível o saírem vivos.” (EM, p. 603)

Para a exploração aurífera de meia encosta construía-se galerias ou túneis nos morros onde os negros passavam horas a dar golpes de picareta nas suas paredes. Durante essas atividades as minas podiam desmoronar, como ocorreu em diversas ocasiões. Uma delas foi relatada de forma comovida no *Erário mineral*, devido ao enorme sofrimento provocado pelo desastre (EM, p. 479-80).

“No ano de 1711, fui chamado para curar a treze escravos do capitão-mor Custódio da Silva Serra, morador na Vila Real do Sabará, que em cima de todos correu um morro de terra e pedras, andando os ditos escravos tirando ouro em uma lavra que tinha a parede sessenta palmos de alto ao pé do dito morro; e como mineravam com água que corria por cima da tal parede, se lhe sumiu atrás, e, vendo-se todos sem água na lavra, subiram alguns a ver para onde tinha desencaminhado, e todos os que subiram ficaram livres e os que ficaram na lavra, que foram treze, ficaram debaixo das ruínas, donde se tiraram quatro mortos, e os mais, uns com braços quebrados, outros com as pernas, outros com as costelas metidas com as pontas para dentro, outros os ossos da fúrcula do pescoço feitos em miúdos pedaços; um com as vértebras do espinhaço deslocadas em duas partes, outro lançando sangue pela boca, narizes, ouvidos e algumas pingas por um olho, e ambos tão vermelhos como o mesmo sangue. Confesso que, quando cheguei ao terreiro da casa, fiquei impossibilitado de ânimo para fazer as tais curas, vendo os mortos e os vivos, todos estendidos no dito terreiro, da cor da mesma terra, uns com gemidos tão sentidos que moveriam à compaixão o mais duro coração que houvesse, outros sem dizer nada por estarem na outra vida; e se a vizinhança não acudisse com seus escravos a cavar a terra para tirar os miseráveis, poucos se tirariam vivos; ensinando e mostrando os que ficaram livres das ruínas aonde tinham ficado ou tinham aparecido os desgraçados, quando a terra, pedras e árvores iam correndo por um despenhadeiro abaixo para um rio, aonde se foi achar um morto, que admirou pela distância não ser pouca; isto diziam os que ficaram livres por estarem em uma parte mais alta; e, acudindo muita gente, vendo o triste espetáculo, ficaram atônitos e admirados por não se não ter visto caso tão lastimoso entre tantos que têm sucedido nestas Minas” (EM, 479-80).

Afora esses acidentes que envolviam várias vítimas, inúmeros casos com apenas uma indivíduo lesionado são descritos naquele manual de medicina prática, como o de

“um preto de Manuel Álvares, morador no arraial do Padre Faria, junto à Vila Rica de Ouro Preto, o qual, andando em uma mina ou estrada subterrânea junto com outros tirando ouro, lhe caiu em cima um grande pedaço do teto da mesma mina, que a terra e pedras o cobriram quase de todo, e, acudindo-lhe logo os companheiros, o livraram da morte e o trouxeram em uma rede para casa de seu senhor. E sendo eu chamado para o ver, a parte mais ofendida que lhe achei foi uma grande contusão no ombro esquerdo e na espádua do mesmo ombro, com tão acérrimas dores e inchação tão grande que o não deixavam sossegar.” (EM, p. 461)

A este, como em outros casos, Luís Gomes Ferreira curou com emplastos feitos com farinha de trigo e aguardente posta ainda quente na contusão, que se revelou posteriormente ser um deslocamento do braço. Mais grave ocorreu com “o escravo de Manuel Gonçalves Soares, tesoureiro dos defuntos e ausentes, morador da Vila Real de Sabará, o qual tinha uma fratura no osso fêmur”, que precisou ser atado, além de receber a aplicação do referido emplasto (EM, p. 468). Muitas vezes, a fratura era daquelas em que o osso ficava exposto, exigindo maior destreza dos cirurgiões. Quando isso ocorria, além dos procedimentos costumeiros de todas essas contusões, devia-se lavar bem a ferida com aguardente aquecida, depois costurar e aplicar espírito de vitrolo (uma espécie de sal mineral) sobre o ferimento para, finalmente, atar e aplicar o dito emplasto, como tal autor fez com o “escravo do Capitão Simão Álvares Mozinho, o qual quebrou uma perna por junto do tornozelo e lançou uma ponta do osso para fora, rompendo a carne e a pele, ficando-lhe o pé totalmente torto (EM, p. 478). Às vezes, ele chegava a fazer milagre, ao curar fraturas gravíssimas. Certa vez, relata que no ano de 1710 foi chamado por Dom Francisco Rondon, habitante nas minas de Paraopeba, onde minerava em um ribeirão com seus escravos, quando em um deles caiu na cabeça um galho, deixando o coitado no chão, desacordado. Neste caso, foi preciso uma pequena cirurgia no crânio, o qual foi aberto para retirar pequenos pedaços de ossos que lhe afetavam o cérebro. Assim que ele se restabeleceu, foi assistido durante o tempo necessário para ficar de todo recuperado (EM, p. 564-6).

Além dos incontáveis acidentes, os exercícios bruscos e o carregamento de pedras e mais coisas pesadas exigidas nas lavras acarretavam anomalias na coluna e outras partes sensíveis do corpo, como sucedeu a “um bom escravo de Antônio Martins, mamosteiro de bulas, morador da Vila Real de Sabará, junto à igreja velha”, o qual sofria de “uma grande dor em um quadril” (EM, p. 456).

Como se já não bastassem estes infortúnios, a mineração ainda proporcionava outra enfermidade, conhecida popularmente na época como camba, ou cangalha. Trata-se de uma distrofia óssea que dificulta os movimentos harmoniosos dos pés, pernas, braços e mãos. A seu respeito, há uma passagem bastante esclarecedora no *Erário Mineral*, inclusive contendo o depoimento de seu autor sobre o comportamento senhorial quando ela se manifestava de forma irremediável. (EM, p. 578-9)

“Esta doença é uma das mais trabalhosas e dificultosas de curar e que dá grandíssima moléstia aos pobres dos pretos, porque lhes faz encolher os dedos das mãos e fechá-los, de tal sorte que ninguém, por mais força que tenha, lhos abre; a outros se lhes retesam os braços, de tal modo que ninguém lhos pode dobrar; a outros se lhes retesa todo o corpo, de tal modo que, pegando uma pessoa pelos pés, outra pela cabeça, quase vai o corpo direito, querendo-o levar para alguma parte, sem fazer senão muito pouco arco no meio; outros, finalmente, se lhes arregalam os olhos, de tal modo que metem medo e até os beiços se retraem; a uns dá com mais força e a outros com menos; a uns passa e ficam bons em pouco tempo, a outros lhes dura mais e alguns lhes dá a miúdo; a outros mais interpoladamente, metendo-se alguns dias de permeio e, aqueles a quem esta doença dá a miúdo e com grande força, pela maior parte morrem dela, principalmente não se lhes fazendo algum remédio, porque basta o experimentarem a doença e verem que seus senhores os não curam, para irem esmorecendo e perdendo as esperanças da vida, até que a perdem. Esta doença é muito comum nestas Minas, e é só nos pretos de toda a Costa da Mina, excetuados todos os de angola somente, e

pela maior parte é só nos que são mineiros que andam metidos dentro da água ou com os pés nela, que, os que se ocupam em roças, nunca neles vi tal doença; algumas pessoas chamam a esta doença camba e, vulgarmente, cangalha, mas, como é doença que convele e puxa os nervos, sem ocupar outras partes, eu lhe não dou outro nome, senão convulsão por causa fria.” (EM, p. 578-79).

Outro problema muito ordinário de saúde de uma sociedade cuja maioria dos seus indivíduos vivia e trabalhava em atividades muito rústicas eram as feridas provocadas por instrumentos de trabalho, quedas, colisões e outros imprevistos. Diz Luís Gomes Ferreira que “as chagas nas pernas dos pretos, que nestas Minas costumam pela maior parte andarem com elas escaneladas ou escalavradas pelos serviços em que atualmente andam”, são em si mesmas coisas simples de se curar (EM, p. 616). Porém, muitos deles, se não forem tratados (geralmente com panos molhados em aguardente do Reino e pós de cascas de ovos), podem gerar inflamações e até mesmo gangrenas. Quando não são higienizadas, atraem moscas que “aonde entram é pela maior parte nas chagas ou feridas que andam expostas ao ar, sem andarem cobertas, e o mais comum é nos pretos” (EM, p. 604)

Ferimentos mais graves do que esses ocorriam muito freqüentemente em outras frentes de serviços diferentes da mineração, mas propensos a riscos não menos graves, capazes de, em diversos casos, matarem ou aleijarem as vítimas, como acontecia inúmeras vezes. Um exemplo disso é relatado por aquele autor da seguinte maneira:

“No ano de 1724, andando um escravo meu derrubando mato para fazer uma roça, lhe caiu um pau em cima das costas e o pisou, de tal modo que mais se não buliu daquele lugar sem que fosse carregado em uma rede para casa, aonde chegou mais morto que vivo, lançando pela boca algum sangue, tão desmaiado e tão frio que não falava, nem bulia com membro algum, que justamente me pareceu não escapava da morte.” (EM, p. 604).

Na lista dos tormentos da trágica condição de saúde da população escrava, soma-se mais outro extremamente corriqueiro: as doenças sexualmente transmissíveis (DST), identificadas na boca do povo daqueles tempos como mulas, boubas, gonorréias ou males gálicos. Nos centros mineradores, no auge da exploração mineral pelo menos, a disparidade de proporção entre homens e mulheres, tanto entre os livres quanto entre os cativos, era enorme. Dada a maior possibilidade de sociabilidade proporcionada pela dinâmica da vida urbana, a prostituição acabou revelando-se como uma atividade bastante acessível. Atentos a essa realidade, muitos senhores e senhoras empurraram suas escravas para essa forma de prestação de serviço. Sem contar as numerosas negras de ganho que, para cumprir suas jornadas de trabalho, optavam por oferecer seus corpos aos amantes de ocasião.

No caso das vilas mineiras, por mais que a Igreja tentasse vigiar e punir a prostituição, esta proliferou-se em tão larga escala que é um dos crimes contra a moral e os bons costumes mais recorrentes nos Autos de Devassa. Mais do que isso, de acordo com Luciano Figueiredo, autor de um livro no qual dedicou um capítulo inteiro sobre esse assunto, a proliferação do meretrício acabou constituindo-se “na expressão



feminina da pobreza e miséria social dos tempos coloniais”.<sup>23</sup> Mas não se pode dizer que esse ramo de negócio foi o único responsável pela infestação de DST na população mineira, sobretudo nos escravos, pois a homossexualidade masculina, de acordo Luís Mott, praticada consideravelmente também entre os escravos, deve ser considerada igualmente como um fator desse gênero de enfermidade.<sup>24</sup>

Segundo Luís Gomes Ferreira, “os humores gálicos”<sup>25</sup> são abundantes na população escrava (EM, p. 598). Dentre esses humores destacam-se as boubas, uma das mais graves e asquerosas doenças venéreas conforme descrição de seus sintomas no seu manual de medicina prática.

É bem notório como se conhecem as boubas, mas porque haverá algumas pessoas que as não tenham visto, apontarei os sinais para serem conhecidas. Costumam nascer pela maior parte na cara e junto ao nariz, atrás das orelhas, nos sovacos dos braços e nas virilhas, e algumas vezes nas partes vergonhosas, e também algumas por outras partes do corpo, suposto menos; são como pústulas ou bostelas, com sua casca por cima, e são a modo de atouchadas ou cor de toucinho, quando se lhe tira a casca de cima; e aplicando-se-lhe algum remédio para limpar aquela chaga, nunca fica vermelha, mais sim da cor de toucinho; e só obedecem e se curam com os remédios contra gálico, como fica dito. É muito para notar e advertir que no vulgo está introduzido um tão ruim abuso, em que as boubas se não devem curar logo, senão passados muitos meses, como seis e um ano, sendo isto tanto contra os pobres enfermos que muitos ficam tolhidos para toda a sua vida, outros ficam aleijados, outros com os pés comidos, outros com fealdades no rosto, sendo atormentado de tão terrível enfermidade, e tão asquerosa que ninguém pode chegar a eles com tão abominável cheiro; e o que mais faz fugir a todos é o temor de se pegarem, como costumam.” (EM, p. 540-1).

Contra esse malefício, aquele autor prescreve antes de mais nada pílulas de mercúrio sublimado e aplicações de espírito de vitriolo nas partes afetadas. Como complementação, sugere o uso de “aguardente” ou urina ou água quente nas chagas, advertindo que se comece o tratamento imediatamente após os sinais das boubas aparecerem, pois assim os boubentos ficarão logo curados, o que não acontece se houver demora, “ficando por esta causa muitos escravos perdidos”, pois “alguns têm perdido a vida e seus senhores o seu valor”. E, segue advertindo, “ainda que alguns fiquem bons”, apesar do atraso dos procedimentos terapêuticos, “sempre seus senhores ficam prejudicados no tempo que andam com elas, por não fazerem nada, e, ainda que alguns senhores os façam trabalhar com excesso para com o trabalho lhas curar (como alguns dizem), sempre é tirania”, e, mesmo que não fosse, essa atitude “lhes vem, pela maior parte, a custar caro”. Afinal, “é certo que doentes não trabalham como são” e, além disso, “vendo que seus senhores os não curam, se desgostam e amofinam de tal sorte que ficam incapazes e tortos das pernas” (EM, p. 542).

<sup>23</sup> Figueiredo, Luciano. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais Do século XVIII. RJ, José Olímpio, 1993, p. 75.

<sup>24</sup> MOTT, Luís., *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo, Ícone 1988, p-19-47.

<sup>25</sup> Humor é “toda substância fluida que gira e circula nos vasos” sangüíneos (EM, p. 788) e gálico refere-se às DST de um modo geral.

Dessa moléstia, ele curou várias pessoas. Uma delas, “a crioula ainda rapariga”, do seu irmão Alexandre Gomes de Sousa, “que ficou bem cheia delas, assim pelas partes baixas, como pela cara e debaixo dos braços”, a qual, com imediato tratamento, depois de certo tempo “ficou sem sinal de boubas e nem lhes tornaram a arreentar, como quase sempre costumam” (EM, p. 537-8).

Outra DST muito freqüente na população cativa mineira era a gonorréia. Luís Gomes Ferreira relata, por exemplo, que quando morava no Arraial do Padre Faria, Distrito de Vila Rica do Ouro Preto, foi chamado por Antônio Ferreira Chaves para ver um escravo seu, o qual fazia oito meses não trabalhava, pois não mais conseguia andar. Ao fazer os exames nesse indivíduo, descobriu que a causa de seu inchaço e dores nas juntas era a dita doença, a qual curou com os mesmos procedimentos acima referidos acrescidos da ingestão por vinte dias de água com salsa cozida (EM, p. 537).

Não menos comuns eram as mulas, um tumor maligno localizado nas virilhas procedente de causa venérea, as quais nosso personagem teve inúmeras ocasiões de tratar. Essa DST, mais resistente aos procedimentos terapêuticos da época, demora a ser tratada, mesmo quando descoberta precocemente, deixando o cativo tempo demasiado longo afastado das suas tarefas obrigatórias do cotidiano. Como exemplo, ele conta que, certa vez, um escravo seu apareceu afetado com esse mal, cuja rebeldia aos tratamentos foi tanta que somente após três meses foi extirpado (EM, p. 539).

Seguindo as trilhas abertas pelos prolixos e reveladores testemunhos encontrados no seu manual de medicina prática, observa-se que as dermatoses também eram assaz incidentes nos indivíduos submetidos à escravidão. As suas condições de higiene, as poucas roupas a eles disponíveis, insuficiência nutricional e o contato intenso de uns com os outros tornavam seus corpos mais propícios a tantas doenças de pele. Uma delas, conhecida como formigueiros, foi um dos maiores tormentos dos mineiros, particularmente nos escravos. Para reconhecê-los, pois havia mais de um tipo, no *Erário mineral* há a seguinte explicação:

“Destes, há uns que nascem nas solas dos pés dos pretos mineiros que facilmente se conhecem, porque lhes fazem buracos ao mesmo modo que as formigas os fazem na terra quando fazem as suas casas, solapando as solas dos pés e fazendo nelas buracos redondos e fundos, com comichão e dores grandes que os não deixam andar sem grande moléstia; outros há que nascem nos braços, mãos e pernas, assim dos pretos como dos brancos, mas mais ordinário é nos braços, e, pela maior parte, principiam pelos dedos e costas das mãos com uns tumores pequenos e vermelhidão em roda; e depois vão crescendo pelo braço adiante os mesmos tumores pequenos e rebentando como os outros, uns principiando mais pequenos, outros maiores e outros com matéria, sem quererem obedecer a remédio algum. Os das pernas se formam do mesmo modo e, algumas vezes, uns e outros se originam de arranhaduras que, fazendo chaguinhas e sendo desprezadas, acudindo-lhe algum humor colérico, se vão transformando em formigueiros e multiplicando-se inchaços e chagas por várias partes das pernas e braços, e algumas vezes, à vista dos olhos, parecem-se com herpes, por nascerem os tumores mais juntos.” (EM, p. 567).

Quando tal moléstia afetava braços e pernas, usava-se ovo batido com azeite e, nos casos em que ele evoluísse até a eclosão de tumores, a solução era a cauterização com brasa, como prescrito ao “escravo de Manuel Gonçalves Moinhos, meirinho-geral

da Ouvidoria . Quando ele incidia nas solas dos pés, e assim provocando efeitos muito mais graves, o remédio se fazia do modo seguinte:

“faça-se um buraco na terra junto ao fogão, que seja redondo, fundo e estreito, e nele se lancem brasas de fogo e, em cima delas, bosta de boi seca, e os pés que tiverem formigueiros se porão com os buracos em cima do tal buraco, tomando aqueles defumadouros, que será por um quarto de hora, acendendo as brasas e botando bosta para fazer boa fumaça, estando o pé coberto e em roda com alguma roupa; e enquanto está tomando estes defumadouros, estará fervendo no fogo outra bosta com urina ou com água ardente, para fazer umas papas, que se porão em pano e na parte bem quentes” (EM, p. 577).

O tipo de formigueiro que demandava a terapia indicada acima provocava enorme sofrimento nos escravos. Como andavam descalços, era grande a sua manifestação neles. Por causa disso tinham muita dificuldade de locomoção e, às vezes, mal conseguiam parar em pé, quando seu estágio estava bem evoluído. Com tamanho desconforto, ampliado mais ainda pelas dores torturantes, não fosse o bastante, Luís Gomes Ferreira presta um depoimento que permite imaginar o quão angustiante e desesperador era a situação de um negro quando, além de tudo isso, não podia contar com a misericórdia do seu senhor: (EM, p. 577).

“Sobre quantas doenças perseguem os pobres pretos nestas Minas, esta moléstia não é de menos e difícil de curar, porque, pela maior parte, os senhores os não aliviam do trabalho por causa dela e andam com muito grande moléstia, sem se poderem ter em pé, com quem os tem visto e os tem possuído com esta enfermidade, a qual é terrível, porque lhes faz nas solas dos pés grandes buracos e broqueamentos profundos, corroendo para o interno e para uma e outra banda, que, andando eles sempre a cortar naquelas solas grossas, sempre crescem, e os buracos sempre fundos, de modo que não podem pisar no chão, e por esta causa andam pela maior parte nas pontas dos pés.” (EM, p. 577).

Afora esses tumores nos pés, havia outro não menos doloroso que impedia os seus portadores de trabalhar, como o das mãos “que nestas Minas há abundantes, assim em pretos como em brancos”, conforme aquele cirurgião testemunha (EM, p. 590). Contra tal malefício, ele inventou um emplasto, composto de mel fervido com sal até este derreter-se, aplicado ainda quente na área afetada, com uma renovação diária enquanto a cura não se estabelecer completamente, com o qual afirma ter devolvido bastante negros à jornada do cativo: “Tenho curado a muitos escravos que já não trabalhavam por causa das grandes dores que lhes faziam os tais tumores, e livrado a seus senhores, a uns de os perderem, a outros de lhes ficarem para sempre incapazes de todo gênero de serviços.” (EM, p. 590).

Um deles foi o escravo do Coronel Guilherme Mainarde da Silva “o qual tinha um tumor nas costas de uma mão, perto da junta do pulso, quase do tamanho de um ovo” (EM, p. 91). Menos sorte teve o escravo, com o mesmo tumor, de Januário Cardoso, morador de uma fazenda às margens do rio São Francisco, o qual acabou tendo uma complicação, derivada de um tratamento mal sucedido conduzido por outro

cirurgião, que lhe abriu uma chaga muito grande, “com nervos podres”, deixando-o “em puros gritos” ao ponto de Luís Gomes Ferreira confessar não ter conseguido “ver sem grande compaixão um bom preto perdido, ou em termos de ficar aleijado daquela mão”, como realmente acabou ficando (EM, p. 591-2).

No conjunto do inferno nosológico da população escrava, tal oficial de cirurgia e medicina prática apresenta mais uma doença denominada gota serena, que afeta os olhos: “Esta enfermidade é uma falta de vista, maior ou menor, e é muito comum nos pretos destas Minas” (EM, p. 606). Trata-se de uma forma de catarata, que ocorria em muitos escravos jovens, apesar de sua incidência ser verificada normalmente nos idosos, provocada no caso dos primeiros por alimentação carente de vitamina A. uma das principais formas de obtenção dessa vitamina é um nutriente que quase não se dava aos cativos, ao menos nos tempos anteriores à era das grandes fazendas mineiras, qual seja, os derivados do leite, carne e tubérculos pouco comuns na sua dieta, como cenouras. Um dos grandes problemas com relação aos efeitos dessa doença é que seus sintomas são pouco perceptíveis aos leigos, e por esse motivo os senhores somente se convencem da sua manifestação nos seus negros já quando estes estão quase cegos, momento em que a cura torna-se mais difícil em face dos padrões de intervenção médica da época. No entanto, o autor do *Erário mineral* ainda conseguia, “pela mercê de Deus”, curar “muitos doentes dele com facilidade”, prescrevendo um chá composto de diversas ervas para ser tomado duas vezes ao dia, e aplicação de saquinhos feitos de tafetá ou linho metidos dentro alecrim mucilados e cozidos com um pouco de aguardente (EM, p. 607). Quando isso não resolvesse, alecrim deixado ao sereno de duas ou três noites conservado em um vidro destampado, onde se formará um licor, o qual se aplicado direto nos olhos produz bons efeitos (EM, p. 608).

“Doença também muito comum nestas Minas, assim em pretos como em brancos, da qual tem morrido brancos e pretos em grande número (...) porque só lhes acode tarde” é um tipo de infecção provocada pela penetração de ovos de moscas varejeiras nos narizes, onde encontra-se sujeira ou ferida que as possam atrair (EM, p. 609). A falta de assepsia, tanto no espaço público, quanto nos corpos de seus habitantes, é o principal fator de proliferação destes insetos. Quando um indivíduo cai em sono profundo, nas senzalas normalmente insalubres, escuras e úmidas, após uma laboriosa jornada, que lhe consumiu as forças ao ponto dele não ter reação contra uma mosca, torna-se presa fácil para ela se e sua região nasal lhe for convidativa. Conta Luís Gomes Ferreira que essa infelicidade atingiu um escravo seu nos idos de 1730, o qual queixava de fortes dores na cabeça. Ao examiná-lo, descobriu sair do nariz dele “uma aguadilha vermelha”, e daí observando mais atentamente concluiu se tratar de “bicho de mosca”, que não obedecia a nenhum remédio, pois as suas queixas de dores de cabeça aumentavam e seu rosto já se apresentava “com a cara e os olhos muito inchados e os pulsos com intercandências”. Algum tempo depois ele começou a se queixar também da boca e, ao mandar abri-la, viu “no céu dela um buraco com um fervedouro de bichos, tantos e tão juntos que, ao romper uma película que os protegia, lhe causou “admiração”, pois dela saíram “tanta babugem, fiapos ou teagens e com tão mau cheiro que, a todos que viram, causou horror” (EM, p. 614). Apesar disso, “este preto não sentiu os bichos na boca, por ser preto robusto que coisas poucas lhe não davam abalo, e também porque esta casta de gente sempre é agreste”, e mesmo que, “sejam bem ladinos e práticos, sempre em algumas coisas têm parte de brutos”, como nesse caso em particular (EM, p. 615).

Outro problema de saúde descrito no *Erário mineral* como “muito ordinário nestas Minas (...) aos pretos e também aos brancos” é o que o seu autor denomina cursos (liberação de fezes em demasia e com pouca ou nenhuma consistência). De acordo com a concepção médica predominante na época, sobre as causas das doenças infecciosas e os modos de as curar, a evacuação de matéria fecal promovida por purgante era um sinal de que o corpo estava eliminando os humores provocadores do malefício. Entretanto, ele adverte que se “os cursos vão aumentando e que o doente se vai pondo em muita fraqueza”, com dores na barriga, nos intestinos e no canal retal, isso pode ser sintoma de infecção, que se cura com caldo de galinha, sumo de tanchagem (ambos com efeitos antibióticos), gemas de ovo e açúcar. E, “caso o curso for tão rebelde” que não obedeça a essa medicação, então “se dará ao doente aquele grande arcanum já descoberto, que se cria nesta América em tanta abundância, chamado de poalha ou, na língua dos índios, pacacoalha, que são umas raízes”, as quais devem ser desfeitas em pó lançado em água quente ou no caldo de galinha para ser tomado em jejum (EM, p. 628-9).

Os cursos muitas vezes poderiam ser sintoma de diarreia, geralmente provocada pelo consumo de alimentos ou água com algum tipo de corrupção provocada possivelmente por bactérias. Convém lembrar que essa informação não estava disponível na época, pois somente a partir de fins do século XIX os patógenos foram sendo aceitos aos poucos pela comunidade médica. Assim, enquanto a medicina ainda engatinhava como ciência, a qualidade da água somente poderia ser julgada pelo cheiro, cor e sabor. Por essa razão, ela provocava muitos estragos na saúde quando ingerida sem a pureza necessária. No século XVIII, mesmo nos países mais avançados, a maior parte da população não tinha acesso à água tratada. Aliás, somente com o avanço da química o tratamento de água foi viabilizado, de forma que as fontes de água dos centros urbanos, para quem podia pagar, vinham de bicas afastadas nos recônditos das matas. Para os demais, o jeito era se abastecer nos chafarizes, os quais, quando não funcionavam com água vinda direto da terra, posicionados abaixo de uma elevação de onde ela jorrava, eram servidos de água que escoavam por pequenos canais pelos morros, de onde poderia vir corrompida.

Seja como for, muitos escravos eram afetados por aquele mal. Um deles foi o escravo do ouvidor-geral da Vila Rica de Ouro Preto que, “estando doente e feito um esqueleto, sarou” com o uso de poalha “por meio de milagre, pois que este doente tinha os tais cursos havia dois meses” e, por isso, “estava tão desfeito e falto de carnes que não tinha mais que pele em cima dos ossos”. Depois de ter tomado o caldo de galinha com pó de poalha, após vinte dias, estava de pé e com aparência saudável de “tão bem nutrido” (EM, p. 631-2).

Por fim, o último dos grandes males dos escravos mineiros descrito no *Erário mineral* é o que o seu autor denomina de corrupção de bicho, posteriormente popularizado pelos médicos do século XIX como máculo. Trata-se de uma afecção localizada entre o reto e o tubo gastrointestinal, ocasionando abertura exagerada do orifício retal, onde se forma uma inflamação muito dolorosa que pode gangrenar e matar dolorosamente seu portador. Acreditavam os médicos da época que esse tipo assustador de enfermidade é originado de ingestão de alimentos ou água contaminada por bactérias e se faz acompanhar de diarreia. A população escrava era a que mais sofria dela, dada as suas condições de vida, geralmente muito precária, complicada mais ainda pela falta de higiene não só corporal, mas na conservação e preparo da comida a eles servida. Para

remediá-la, Luís Gomes Ferreira prescrevia banhos na região retal, com água quente adicionada de sal e sumo de uma planta conhecida como erva de bicho (uma poligonácea de reputada propriedade medicinal), “que nasce e dá-se bem em terras úmidas e por perto da água”. Segundo ele,

“nestas Minas há grande abundância dela, e, pela específica virtude que tem para doença chamada corrupção-de-bicho, todos a estimam muito, e porque ninguém pode estar sem ela, quem se muda para algum sítio novo a primeira coisa que leva para ele é alguns pés dela para plantar, porque a cada passo é necessária, principalmente para escravos.” (EM, p. 638).

Essas são, portanto, as enfermidades mais incidentes na população escrava abordadas no *Erário Mineral*. Os tormentos por elas causados tornavam a vida no cativeiro bem mais sofrida. Muitas vezes a morte era o seu golpe final, ou por negligência, seja do senhor em atender aos escravos, ou até mesmo destes que podiam aproveitar delas para se livrar das pesadas tarefas cotidianas, ou, apesar dos esforços para curá-las, da ineficácia ou do atraso no início do tratamento. Seja como for, elas provocaram tamanho impacto na demografia da escravidão, na economia colonial e na riqueza pessoal dos colonos que cada vez ficava mais clara a necessidade de intervenção médica para lhes obstar sua marcha aterrorizante. A publicação de manuais de medicina prática, em língua acessível a quem podia ler, contendo informações úteis sobre como identificá-las e curá-las que pudessem circular entre as bocas e os ouvidos de uma sociedade tão carente de oficiais de cura, revelou-se uma saída viável em um tempo e um lugar em que, além da falta de médicos, a prevenção contra as doenças e o combate contra elas era uma questão de ordem privada, embora os problemas de ordem social e econômica delas derivados fossem de ordem pública.

Dessa maneira, manuais médicos como o analisado neste ensaio podem ser considerados uma forma de seus autores intervirem no espaço social, para tentar contribuir para enfrentar suas anomalias patológicas, mesmo que elas lhes parecessem maiores que a sua inteligência e força, como muitas enfermidades cujas causas não eram conhecidas, ou eram precariamente, provocando inúmeras vítimas.

Não se quer com essa conclusão afirmar que essa foi a intenção principal de Luís Gomes Ferreira ao organizar os doze tratados reunidos no seu *Erário mineral*, embora ele afirme, logo no prólogo dessa obra: “Tudo que escrevo é pela glória de Deus e para o proveito do próximo (EM, p. 182). É claro que há outras intenções no seu esforço de divulgar um texto de grande proveito, mas o que fica dito permite compreender a relevância de tais empreendimentos intelectuais (em meios em configurações sociais afetadas com tantas doenças e carente de profissionais da saúde), entre os quais o seu é um dos melhores exemplos.

Em meio ao seu empenho para ensinar como reconhecer e tratar as moléstias dos escravos, ele critica a atitude senhorial de muitas vezes limitar os custos com a saúde deles se não fossem ladinos ou estimados por seus proprietários quando suas moléstias demandavam gastos adicionais muito altos, o que, na sua ótica, feria os princípios da moralidade cristã muito caros a uma sociedade organizada a partir de fundamentos essenciais da religião católica, como a caridade. Crítica essa sustentada no ideário

escravista cristão formulado principalmente pelos jesuítas, que defendiam uma administração do trabalho cativo aos moldes da cultura patriarcal, como meio estratégico de se evitar perigosas tensões sociais, como ele mais uma vez permite interpretar já quase no final de seu manual:

“Nos pretos quando se açoitam as nádegas ficando as carnes escarnadas e se desprezam não olhando mais para as tais feridas, antes alguns senhores os metem em ferros e os fazem trabalhar, não podendo dar um passo, que destes se têm perdido muitos, uns por causa dos bichos lhe comerem a carne e corromperem-se os ossos de que dão acidentes mortais, outros por causa de se gangrenarem, apodrecerem e perderem aquelas partes, como de ambos os modos tenho visto muitos, uns que remediei, outros que não pude remediar, porque lhes dão herpes e morrem miseravelmente, que é lástima grande e pouco temor de Deus deixar morrer ao desamparo os pais, que devem ter estes em lugar de filhos” (EM, p. 610).

Diante dessas palavras, não resta dúvida de que, apesar de o nosso personagem ter não apenas assimilado, mas também se valido da escravidão, ele encarava uma de suas faces com o olhar do assistencialismo caritativo, como uma ética da moralidade cristã de acolhimento dos que precisavam de amparo para suportar suas desgraças. No caso dos negros, que tiveram a infelicidade de serem arrastados para o Novo Mundo e os seus descendentes ali nascidos, a sua desgraça foi o cativeiro e sua tragédia os senhores que obedeciam rigorosamente a lógica do custo colonial, preferindo repor a mão-de-obra escrava pelo tráfico internacional de africanos por isso ser por eles considerados geralmente mais vantajoso economicamente.